NOTAS E TRANSCRIÇÕES

PELA VERDADE HISTÓRICA

MAURÍCIO JOPPERT DA SILVA

Quem subir ao 24º andar do Edifício Edson Passos, ocupado pelo Salão Nobre do Clube de Engenharia, avistará na parede do lado, correspondendo ao Poente, um retrato a óleo, famosa obra-prima do pintor Amoedo. Representa um cavalheiro com menos de quarenta anos, bigodes meio-caídos, rosto redondo, tipo de nortista, recostado em um sofá. É o retrato do Prof. João Felipe Pereira, ao tempo em que era Prefeito do Distrito Federal, no Govêrno Campos Sales.

O Prof. João Felipe, como era conhecido, foi um notável mestre da Escola Politécnica, lecionando durante muitos anos a Cadeira de Hidráulica, Abastecimento de Água, Esgotos Sanitários e Hidráulica Agrícola, distinguindo-se pela severidade nos julgamentos de provas e exames e pela excelência de suas aulas.

Foi ao mesmo tempo um destacado homem público, Ministro das pastas das Relações Exteriores e da Viação no Govêrno de Floriano Peixoto e Prefeito da Capital da República na gestão do Presidente Campos Sales. Era um homem de bom-humor e de espírito, cujos ditos cheios de graça e de malícia corriam entre seus colegas e alunos.

Contou-me sua Exma. Viúva que encontrara entre os papéis que deixara, depois de sua morte, numerosos documentos interessantes de sua vida pública, entre os quais bilhetes de Floriano, escritos em retalhos de papel de embrulho ou beiradas de jornal, assinados **Peixoto**, simplesmente. Colocou-os em um baú fechado a cadeado, que ficou guardado num quarto de sua residência, para exame futuro. Uma empregada, julgando que fôssem objetos de valor, arrombou o baú e, decepcionada com tantos bilhetinhos em retalhos de papel, deu-lhes sumiço. Perdeu-se assim farto manancial histórico, onde os pesquisadores poderiam encontrar muita coisa para esclarecer passagens da vida agitada do Govêrno do Marechal Floriano.

A respeito da nomeação do Prof. João Felipe para Ministro das Relações Exteriores formou-se uma lenda que vai ganhando foros de realidade, repetida pela gente de meia cultura e mesmo por escritores de responsabilidade. Conta-se que logo depois de diplomado em engenharia procurou o Marechal com uma carta, recomendando-o para um emprêgo. Simpatizando com o portador, Floriano chamou o secretário e perguntou-lhe quais os cargos vagos. Êste, respeitosamente, informou-o que todos os cargos estavam ocupados, acrescentando, a sorrir, com fina ironia: — Talvez o de Ministro das Relações Exteriores, é o único vago...

— Pois serve — replicou o Marechal Floriano — lavre a nomeação dêste jovem, se êle aceitar.

O engenheiro João Felipe, surprêso e desconcertado, balbuciou: — Mas... eu não entendo nada dos assuntos dessa pasta... — O Presidente limitou-se a perguntar-lhe: — E os outros, entendem?

Em uma sessão promovida pelo Clube de Engenheria, em homenagem ao Prof. João Felipe, o engenheiro Francisco Benjamin Gallotti, hoje senador da República, contestou a versão acima, baseado no que a propósito escreveu o Sr. Silvio Peixoto, descendente do Marechal, no livro «No Tempo de Floriano».

Presidindo os destinos do Brasil numa época de transição de regime político, de violentas paixões e rancores, o Marechal Floriano Peixoto teve deturpado o sentido de seus atos com o intuito de desmoralizá-lo perante a opinião pública e comprometê-lo na posteridade. A intriga e o ódio, inspirados na vingança e no despeito, trabalharam intensamente mas não conseguiram abalar-lhe a energia, nem modificar-lhe os hábitos de simplicidade e modéstia. A lenda sôbre a nomeação do Prof. João Felipe nasceu nesse ambiente. Vejamos a realidade através das páginas cintilantes do Sr. Silvio Peixoto.

Felisberto Freire acumulava as pastas da Fazenda e do Exterior. Agravando-se os encargos de uma e de outra, manifestou ao Presidente a necessidade de ser substituído na segunda. Floriano concordou e resolveu que o substituto seria um nortista e nesse sentido telegrafou ao Presidente do Ceará, Dr. José Freire Bezerril Fontenele, pedindo a indicação de quem, por suas qualidades, pudesse tomar conta do Ministério do Exterior.

Não tardou a resposta com o nome do engenheiro João Felipe Pereira, republicano decidido, gozando de grande prestígio em sua terra natal. O futuro professor da Escola Politécnica não estava no Rio na ocasião e sim em viagem. Ao chegar, recebeu em sua residência, na estação do Rocha, a visita do deputado pelo Ceará, Capitão José Beviláqua, que lhe transmitiu o recado de Floriano, convidando-o para avistar-se com o Coronel Manuel Perciliano de Oliveira Valadão, deputado por Sergipe e Secretário do Presidente da República.

Confirmando o convite pelo Coronel Valadão, pediu-lhe o engenheiro João Felipe que o desculpasse junto ao Marechal, por não poder aceitá-lo, visto tratar-se de uma atividade alheia aos seus conhecimentos. Pretendia dirigir a Usina Esperança, a convite do Dr. César de Sousa, seu antigo chefe na E. de F. Baturité. Estaria, porém, ao seu dispor para pegar num fuzil em defesa da República.

Assim continua o relato do Sr. Silvio Peixoto: «Cuidava-se João Felipe já desobrigado do inesperado convite, quando, poucos dias após, foi surpreendido em sua casa por um emissário do Itamarati que sobraçava uma sacola verde e amarela, na qual lhe trazia um bilhete a lápis azul, do próprio punho do Marechal, insistindo para que aceitasse a pasta do Exterior e apelando para seu patriotismo,

pois o paquête «Júpiter», comandado pelo Almirante Wandenkolk, bombardeara na véspera a cidade do Rio Grande e não era conveniente que ficasse o Govêrno incompleto. Dizia ainda o bilhete que sua nomeação deveria sair no «Diário Oficial» daquele mesmo dia».

Com efeito, no dia seguinte tomou posse no Ministério da Justiça, seguindo para o Ministério das Relações Exteriores, instalado em um casarão do Largo da Glória, esquina da Rua Benjamin Constant, no local em que hoje se encontra o palácio do Cardeal.

Só dois dias mais tarde foi o Ministro João Felipe apresentado ao Marechal Floriano Peixoto pelo Deputado João Lopes Ferreira Filho, presidente da Câmara dos Deputados. Não levava carta de recomendação, nem ia solicitar emprêgo mas a pasta com o expediente do Ministério, a despachar com o Presidente da República.

Posteriormente, em setembro de 1893, acumulou com a do Exterior a pasta da Viação, vaga pela demissão do Dr. Antônio Francisco de Paula e Sousa, no incidente com o Major Jaime Benévolo, Inspetor-Geral de Iluminação Pública.

Esta, a versão correta dos fatos. No entanto, não tenho a ingenuidade de supor que vou estancar a anedota inverídica sôbre a primeira versão, hoje sabidamente falsa. É que ela foi arquitetada com tal habilidade, com tão malicioso propósito de diminuir os dois estadistas envolvidos nos acontecimentos, que continuará a ser repetida mesmo por muitos que saibam de sua inexatidão.

A mentira tem graça e atrai...

(«O Globo», de 17.X.1962)